

A Grande Guerra do ítalo-gaúcho Olyntho Sanmartin

The First World War of the Italian-Gaicho Olyntho Sanmartin

Antonio de Ruggiero¹

antonio.deruggiero@gmail.com

Resumo: Neste artigo, reflete-se sobre a questão dos repatriamentos de voluntários e reservistas ítalo-brasileiros que se alistaram no exército italiano durante a Primeira Guerra Mundial. Quando a Itália, em maio de 1915, entrou no conflito, cerca de 12 mil, entre italianos e descendentes residentes no Brasil, voltaram para lutar no *front*. Desde o início, um número significativo de jovens se apresentou voluntariamente nos consulados dos principais centros da imigração italiana, com a intenção de defender a pátria longínqua. Em particular, será analisado o conteúdo das memórias de guerra de Olyntho Sanmartin, um ítalo-gaúcho que falsificou a sua data de nascimento para poder se alistar, antes de se arrepender amargamente da sua escolha, quando já era tarde. Uma análise em escala reduzida desse tipo, entrelaçada com os dados gerais e de contexto, se revela de grande utilidade para chegar a conclusões e reflexões de mais amplo alcance sobre as dinâmicas que determinaram a escolha de repatriar e a questão da identidade de indivíduos que perenciam a coletividades ainda não plenamente absorvidas nas sociedades de acolhimento.

Palavras-chave: imigração italiana, Primeira Guerra Mundial, voluntários ítalo-brasileiros.

Abstract: In this article we reflect on the issue of the repatriation of Italian-Brazilian volunteers and reservists who enlisted in the Italian army during World War I. When Italy entered the conflict on May 1915, about 12,000 Italians and descendants living in Brazil returned to fight at the front. From the beginning, a significant number of young volunteers presented themselves at the consulates of the main centers of Italian immigration with the intention to defend the distant homeland. In particular, we will analyze the war memories of Olyntho Sanmartin, an Italian-Gaicho who falsified his date of birth in order to be able to enlist, but later bitterly regretted his choice, when it was too late. A micro-analysis on a reduced scale of this type, along with general data and context, is helpful to get to broader conclusions and reflections on the dynamics that determined the choice to repatriate and on the question of the identity of individuals in communities not yet fully integrated into the host society.

Keywords: Italian immigration, World War I, Italian-Brazilian volunteers.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Av. Ipiranga, 6681, 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

Em 23 de junho de 1915, o jovem ítalo-gaúcho de 18 anos Olyntho Sanmartin se separava pela primeira vez dos seus familiares, deixando a pequena e tranquila cidade natal de Santa Maria da Boca do Monte, no coração do Rio Grande do Sul, para se encaminhar de trem rumo a Porto Alegre. Na capital gaúcha, alguns dias mais tarde embarcaria com outros 21 compatriotas no “Itassucé”, vapor que o conduziria até o Rio de Janeiro, para realizar finalmente a longa rota oceânica através do transatlântico “Cavour” até Genova, na Itália. Esperava-o um país em guerra, a “Grande Guerra”, que rapidamente ocuparia dramaticamente a sua vida quotidiana. Com uma forte sede de aventura e o espírito romântico e inconsciente da juventude, decidiu participar como “voluntário” na defesa de uma pátria, aquela italiana, ainda fisicamente desconhecida, mas já fortemente idealizada, até porque continuamente evocada com nostalgia dentro da casa pelos seus pais, Geronimo e Maria, dois vênetsos imigrados como tantos outros no estado mais meridional do Brasil. Olyntho chegou até a alterar a data de nascimento para poder alistar-se legalmente no exército italiano e se apresentar no Consulado, que até aquele momento tinha convocado só jovens ítalo-brasileiros nascidos em anos anteriores. Voluntário era também o seu amigo santa-mariense Giovanni Davelino, ítalo-gaúcho quatro anos mais velho, que decidiu acompanhá-lo para iniciar aquela que os dois rapazes definiriam, um pouco ironicamente, como a sua “marcha heroica” (Sanmartin, 1957, p. 28).

Em 1955, à distância de 40 anos daquele evento traumático, Olyntho Sanmartin, escritor e apreciado cronista nos anos da maturidade², decidiu registrar suas memórias, relatando todas as peripécias enfrentadas ao longo de um inteiro ano de guerra vivida na Itália norte-oriental em um livro autobiográfico, publicado dois anos mais tarde com o título emblemático de *Escola da morte* e com o subtítulo *Memórias da Grande Guerra de 1914-1918*³ (Sanmartin, 1957, p. 7):

Neste ano da graça de 1955, quarenta anos separam a história que vou relatar. Por isto, e antes que minhas recordações se confundam, resolvi fixar essa jornada emocional que ainda guardo no meu espírito com indizível encantamento. [...] Procurei coordenar seus

pormenores com exatidão ainda que omitindo intencionalmente determinadas ocorrências (Sanmartin, 1957, p. 7).

Trata-se de um verdadeiro relato sobre a sua experiência da guerra no *front* italiano ao longo do rio Isonzo e no Vênetsos (julho de 1915-julho de 1916), que manifesta desde as primeiras páginas a vontade de divulgar fatos realmente acontecidos e documentados. Pela quantidade e precisão dos detalhes apresentados, parece apoiar-se sobre anotações pessoais escritas durante a participação no conflito, tornando-se assim uma fonte privilegiada para analisar algumas questões relativas aos reflexos produzidos pela Grande Guerra no contexto das coletividades de imigrantes italianos residentes no exterior. Como sustenta Angela de Castro Gomes (2004, p. 18), este tipo de escrita autorreferencial se torna um “lugar de memória” precioso para reter um tempo específico relativo a uma fase significativa e traumática da vida do biografado. Ainda mais, esta singular história permite refletir sobre um campo investigativo que, fora algumas exceções, sobretudo na última efeméride comemorativa do centenário da eclosão do conflito, não se beneficiou de grande consideração entre os especialistas, isto é, a questão da guerra como promotora de renovadas paixões nacionalistas e também de crises identitárias entre os indivíduos em idade de alistamento, às vezes filhos ou até netos de imigrantes no Novo Mundo, que ainda preservavam, além da cidadania italiana, uma ligação ideal viva com a cultura e as tradições da pátria ancestral (Compagnon, 2014; Heinsfeld e Mazurek, 2014; de Ruggiero, 2015a; Flores e Neuberger, 2014; de Ruggiero *et al.*, 2015).

Olyntho Sanmartin e a questão dos ítalo-brasileiros voluntários na Grande Guerra

De fato, depois que em 25 de maio de 1915 os jornais rio-grandenses publicaram a notícia oficial da entrada da Itália na guerra, muitos jovens se apresentaram ao Consulado de Porto Alegre, assim como nas agências consulares do interior do estado, “declarando-se prontos para embarcar com destino ao seu país, a fim de tomar parte na guerra contra a Áustria”. Isso, “apesar do cônsul

² Olyntho Sanmartin nasceu em 1896 em Santa Maria da Boca do Monte. Depois da sua participação na Primeira Guerra Mundial, mudou-se com os familiares para Porto Alegre. Homem esportivo e de confissão metodista, foi por muitos anos presidente da Associação Cristã de Moços (ACM) de Porto Alegre. Colaborou com o periódico mantido pela Associação, a revista Triângulo Vermelho. Intelectual, escritor e jornalista, ele integrou a Academia Rio-Grandense de Letras, o Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul e o Instituto Brasileiro de Cultura do Rio de Janeiro. Destacou-se como escritor (publicou 39 livros), cronista (escrevendo para os jornais Correo do Povo, Diário de Notícias e O Dia) e poeta. Por uma biografia mais completa e uma antologia das suas obras principais, veja-se um texto específico de Flores (1975).

³ Descobri a existência deste livro graças a um artigo publicado em 2014 pelo historiador Moacyr Flores (que foi amigo de Olyntho Sanmartin) em uma coletânea sobre os reflexos da Primeira Guerra no Brasil, organizada pelo “Círculo de Pesquisas Literárias” de Porto Alegre. O breve texto reconstruía um resumo bastante sintético desta obra quase impossível de se encontrar e, até hoje, praticamente esquecida (Flores, 2014).

italiano não ter ainda recebido instruções a respeito dos reservistas italianos aqui residentes” (*Correio do Povo*, 1915a). E assim como Olyntho Sanmartin, não faltaram outros casos individuais de falsificação de documentos para se alistar no exército italiano. Já na primeira turma de reservistas embarcados em Porto Alegre para a Itália, por exemplo, tinha-se apresentado um menor de idade, Napoleone Saccol, filho de italianos, que recorreu ao ludíbrio para obter a permissão. Quando foi preso pela polícia marítima no porto do Rio, alegou que pretendia seguir para a guerra “porque o seu pai se ausentara há anos de Porto Alegre, e sua mãe não queria saber dele” (*Correio do Povo*, 1915d). Emblemático, e provavelmente nem tão excepcional, foi também o caso de Euclides Freire Machado, um jovem *chauffeur* do Rio de Janeiro, “brasileiro sem nenhuma ligação com os povos em luta”, que, depois de uma tentativa frustrada na Legião Estrangeira francesa, apresentou ao Consulado italiano da então capital brasileira os documentos que pertenciam, na verdade, ao seu amigo Agripino Funicitzi, brasileiro filho de italianos, conseguindo assim embarcar no navio de reservistas rumo à Itália. Quando seu irmão denunciou a trapaça para tentar retê-lo, era tarde, e Alcides, agora Agripino, já estava zarpando a bordo do “Principessa Mafalda”. O jornal que trazia a curiosa notícia um século atrás antecipava algumas das mesmas dúvidas que hoje alimentam o meu interesse acerca das motivações que induziram muitos moços de origem italiana a tal escolha: “Amor à causa dos aliados, instinto guerreiro, ou simples aborrecimento da vida, tão cheia de decepções?” (*A Federação*, 1915a).

Estas primeiras trajetórias individuais relatadas poderiam dar a ideia de uma participação espontânea, entusiástica e numerosa entre os italianos e descendentes residentes no Brasil. Na verdade, os dados numéricos que possuímos nos oferecem um quadro bastante diferente. Quando a guerra eclodiu, eram milhões os italianos expatriados e descendentes em todos os lugares do mundo. Deles, cerca de 1.200.000 foram chamados para lutarem na pátria de origem, pois possuíam os requisitos legais para fazê-lo. Desse total de recrutáveis, só 304 mil responderam positivamente (Commissariato Generale dell’Emigrazione, 1926, p. 1523-1528). No caso brasileiro, é difícil estabelecer um número exato de repatriamentos, mas com uma boa margem de aproximação pode-se dizer que foram em torno de 12 mil os jovens que se apresentaram às armas, entre voluntários e convocados, pouco mais de 10% do total. A grande maioria – quase dois terços – provinha do estado de São Paulo. No Rio Grande do Sul, foram aproximadamente 4 mil os convocados, e atenderam positivamente entre 400 e 500 indivíduos, somando os compulsórios e os voluntários (de Ruggiero, 2015b).

Os dados estatísticos demonstram que, especialmente nas mais afastadas comunidades em relação à Europa, houve uma taxa muito alta de deserções entre os “reservistas” convocados. O alto percentual de omissão, porém, possuía motivações bem precisas: em especial, devemos considerar as principais características da imigração italiana no país, composta em grande parte por camponeses, partidos daquela que, muitas vezes, foi definida como a pátria “*matrigna*”, ou seja, a madrasta que negligenciou os filhos em dificuldade, que agora, tão distantes, nem mesmo consideraram a possibilidade de retornar para defender o reino do qual se sentiam vítimas sacrificadas. A tais fatos devem-se acrescentar, como aponta Angelo Trento (2009), as enormes dificuldades relativas à distância e ao transporte marítimo na época; lembra-se também o isolamento e o abandono em que se mantiveram muitas comunidades italianas no exterior, sobretudo nos lugares mais distantes das cidades, isto é, onde não havia consulados ou agentes consulares. Além disso, não se pode ignorar o caos criado por uma infinidade de circulares contraditórias que chegavam de Roma e que deixavam as autoridades diplomáticas despreparadas para enfrentar as operações de alistamento. Outros elementos fundamentais foram, seguramente: a insuficiência de subsídios que o Estado italiano fornecia às famílias dos soldados que partiam; e, ainda mais, os rumores, confirmados em 1919, sobre a emanação de uma futura lei de clemência, isto é, de anistia, para beneficiar grande parte daqueles que não atendessem ao chamado. Muitas vezes, pela ausência de controles rígidos sobre as campanhas de alistamento, verificavam-se casos de corrupção relativos aos exames médicos de habilitação, que aconteciam nas sedes do Consulado italiano. Frequentemente se concediam com grande facilidade liberações, sobretudo para aqueles que podiam pagar bem.

Em suma, a situação parecia muito mais complicada, e o controle severo e rígido que o Estado italiano reservava para os jovens na Itália não tinha a mesma atuação nos países longínquos das Américas. Não é possível esquecer, ao mesmo tempo, as informações que os jornais brasileiros começaram a fornecer, durante os anos da neutralidade do país, sobre as garantias legislativas que a pátria de acolhimento fornecia aos ítalo-descendentes, cujos direitos continuavam sendo tutelados como cidadãos brasileiros, que não podiam “ser coagidos a partir daqui contra a sua vontade” (*A Federação*, 1915b).

Considerando todas estas condições, redimensiona-se um pouco a visão quantitativa a respeito da participação ítalo-brasileira no conflito. Pensando na facilidade, com a qual se podia escapar do alistamento, podemos nos interrogar sobre o porquê de “muitos” jovens ítalo-brasileiros – como Olyntho Sanmartin – terem aderido com

entusiasmo ao chamado às armas. Especialmente nos primeiros meses depois da entrada da Itália no conflito, registram-se dados não desprezáveis de regressados. Pode-se falar, assim, de uma discreta participação, que poderia ser definida quase totalmente “voluntária”, considerando a normalidade de fugir da obrigação.

Os principais estudos relativos ao fenômeno do repatriamento de italianos e descendentes das inúmeras regiões da América Latina e da América setentrional na ocasião do primeiro conflito mundial se devem a Emilio Franzina (2000, 2004, 2008, 2015a, 2016), que delineou o panorama geral desta mobilização, com reflexões específicas sobre o conflito interior que muitos jovens com cidadania italiana e convocados para combater enfrentaram diante da escolha dramática entre o retorno para responder ao chamado de uma pátria longínqua, mas sempre presente na sua cotidianidade, e a possibilidade de uma mais segura permanência na América, protegidos do desastre que uma guerra entre nações representaria no coração da velha Europa. O mesmo autor evidenciou o fato de que, muitas vezes, os indivíduos que emigraram com uma consciência mínima de serem “italianos”, ligados como eram aos regionalismos e localismos da recém-unificada pátria de origem, amadureceram no exterior uma paradoxal nostalgia pelo “amor à pátria” (Franzina, 2004, p. 242). A entrada na guerra fortaleceu este sentimento de pertencimento à nação de origem e gerou uma larga adesão popular nos países de acolhimento sustentada, em grande parte, pela propaganda dos principais órgãos de imprensa étnica, muitas vezes criados propositadamente para a ocasião e frequentemente controlados pelas autoridades consulares italianas. O conflito estimulou um grande fermento na produção de jornais e revistas de caráter patriótico e propagandístico para enaltecer o espírito de italianidade e para fomentar a participação dos reservistas. O associacionismo burguês, orientado atentamente pelas autoridades diplomáticas e apoiado pelos maiores líderes econômicos da comunidade italiana, também teve papel importante. Os principais expoentes da comunidade se propuseram, inclusive, como organizadores de coletas financeiras, comitês “pró-pátria”, empréstimos para famílias de soldados repatriados e várias outras atividades de solidariedade que pudessem auxiliar na guerra italiana e no fortalecimento do entusiasmo nacional-patriótico (Franzina, 2015a).

Nesse sentido, o mesmo Olyntho Sanmartin registrava nas suas memórias o caráter festivo, os discursos oficiais e retóricos das autoridades, as músicas e os aplausos da multidão no momento do seu primeiro embarque em Porto Alegre. Não esquecia o calor contagiante dos seus compatriotas que, com as bandeiras italianas, se amontoavam em torno do vapor que transportaria os jovens

soldados na primeira etapa da sua aventura de guerra. Em particular, lembrava a ótima hospitalidade recebida em Porto Alegre às custas do governo italiano, em um “bom hotel com apetitosos manjares, frutas, cigarros, bebidas” (Sanmartin, 1957, p. 11). O quadro delineado em poucas linhas pelo nosso protagonista resulta seguramente menos retórico, mas não diferente nos conteúdos, daquilo que podemos encontrar em tantas fontes “étnicas” utilizadas pelos historiadores da imigração italiana no Brasil para reconstruir os acontecimentos deste período. Refiro-me em particular aos numerosos jornais italianos – o *Fanfulla* de São Paulo é o caso mais emblemático – que em todas as regiões de imigração italiana dedicavam grande espaço ao ritual da partida dos reservistas, às cerimônias em que estavam presentes milhares de conterrâneos, com a exibição de bandas musicais e hinos nacionais para homenagear os valentes soldados que se sacrificavam pela pátria (Trento, 2011), para não falar dos almanaques italianos que proliferaram no período imediatamente posterior ao conflito, na véspera e nos primeiros anos do fascismo, quando um nacionalismo sempre mais acirrado fez do evento da Primeira Guerra o seu instrumento preferido para propagandear as novas características da pátria ideal. Nestas páginas carregadas de uma retórica retumbante, evidenciava-se, com o expediente de fotografias e imagens de grande impacto emotivo, não somente a efetiva participação das multidões de italianos que acompanhavam o momento do embarque nas estações e portos brasileiros, mas também o papel de apoio externo. Elencavam-se, assim, todas as iniciativas que nasceram a partir da elite italiana para criar comitês de ajuda econômica para as famílias dos soldados repatriados e as numerosas associações que demonstraram uma entusiástica generosidade e solidariedade nacional (Cusano, 1921; *Cinquantenario*, 2000).

A trajetória de Olyntho

Uma primeira diferença entre este tipo de fontes e as memórias pessoais de Olyntho Sanmartin está no fato de que este último, desde as páginas iniciais da sua narrativa, enfatiza a evidente contradição, um “contraste inesperado e grotesco”, entre o momento do recebimento marcado por um cerimonial festivo organizado pelas autoridades diplomáticas no porto de embarque e o estado de total abandono no qual se afundaria após a partida. O clima de “novidade, encantamento e alegria” apresentado nas primeiras horas se transformaria rapidamente em uma “terrível angústia” representada pelas condições desagradáveis da terceira classe e pela “negação absoluta de higiene elementar e de conforto razoável”, a bordo tanto do primeiro pacote que conduziria os soldados ítalo-gaúchos de Porto Alegre até o Rio de Janeiro como

do transatlântico “Cavour”, procedente de Buenos Aires com outros milhares de reservistas italianos e dirigido a Gênova.

Nos 18 longuíssimos dias de viagem da capital brasileira até o porto da Ligúria, o jovem teve diversos momentos de reflexão e desespero, devidos à sensação de abandono por parte do Estado italiano e à tomada de consciência de que não existia mais alternativa para os 2 mil soldados que lotavam o navio. Não foi suficiente nem mesmo a confortante companhia de dois conterrâneos de Santa Maria para impedir o surgimento de um incipiente sentimento de arrependimento e profunda desilusão. Repensou as sábias palavras de um velho senhor – no qual se refletia o Olyntho Sanmartin da maturidade –, que no porto do Rio tentou inutilmente dissuadi-lo e ao amigo João, recordando os riscos efetivos dessa guerra e o absurdo de uma escolha voluntária para defender uma pátria longínqua e “desconhecida”:

A ideia de Pátria é transcendental, quero dizer [...] é uma forma subjetiva de se objetivar esse ente que em certos momentos adoramos loucamente. Mas que haja soldados que a defendam, é admissível os que são convocados, os profissionais, os que enfim fazem das guerras uma mística da sua vida, mas nunca procurá-la, ir ao seu encontro como acontece com vocês dois, sem noção exata de um conflito que está sendo deflagrado em terras longínquas e para nós desconhecidas (Sanmartin, 1957, p. 36-37).

Efetivamente, o amor pela pátria em si mesmo não foi seguramente a causa principal que animou a decisão de Olyntho, nem muito menos a do seu amigo João, ou melhor, é evidente que a retórica nacionalista, potenciada já a partir dos anos anteriores ao conflito, quando a Itália começou a sua política de expansão colonialista com a sucessiva conquista da Líbia em 1911, alimentou um sentimento de patriotismo entre os imigrantes italianos concentrados em comunidades numerosas como aquela à qual pertencia Olyntho (Vendrame, 2015), mas, junto ao desejo “de defender os ultrajes feitos à pátria” (Sanmartin, 1957, p. 36), a decisão foi motivada por uma série de outras questões, entre as quais a grande curiosidade e a possibilidade única de poder visitar “gratuitamente” os lugares de origem, fortemente idealizados nos anos da juventude. Como se podia ler já no edital oficial da primeira chamada enviado por Roma e divulgado em todos os consulados e vice-consulados, o governo italiano se comprometia com o pagamento da viagem de ida e volta, além da concessão de uma anistia a “todos os desertores e aos que deixaram de servir quando chamados para o serviço obrigatório”, e de um auxílio “às famílias dos reservistas indigentes que

sigam para Itália” (*Correio do Povo*, 1915b). E a imprensa não somente étnica do Rio Grande do Sul, nestes primeiros dias de convocações, sublinhava também a existência de auxílios pecuniários privados por conta do “*Comitato Pro-Patria*” que, com sede em Porto Alegre, foi organizado nos dias imediatamente posteriores ao ingresso da Itália no conflito (*Correio do Povo*, 1915c).

Olyntho, naquele momento da sua vida, tinha dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, a situação econômica familiar não era das melhores, e, ao mesmo tempo, estava enfrentando um período de crise existencial em uma idade na qual se vive na incerteza do futuro e se tem dificuldade em assumir as próprias responsabilidades. Como ele mesmo afirma, a escolha de partir foi um ingênuo “capricho dos tantos que se cruzam no caminho da vida” (Sanmartin, 1957, p. 14), e a guerra representou também a possível fuga de um tormento interior determinado pelas “angústias econômicas” que “provocavam a necessidade inadiável de me iniciar em qualquer arte profissional antes que a maturidade me envolvesse” (Sanmartin, 1957, p. 9).

Portanto, a esperança de Olyntho era de que a guerra terminaria rapidamente e que esta viagem representaria uma experiência enriquecedora, não obstante seus familiares tentassem persuadi-lo do contrário:

Foram inúteis as súplicas, os conselhos, as próprias ameaças de violência. Apresentava-lhes sempre os argumentos de que quando chegasse ao teatro das operações, a guerra estaria terminada. E era essa, de fato, minha ingênua convicção. Mal sabia o que fosse uma guerra. Predominava no fundo a ideia da aventura, da longa viajada (Sanmartin, 1957, p. 10).

A mesma coisa valia para João, que decidiu acompanhar o amigo somente depois de “uma desavença de família que o desgostara” (Sanmartin, 1957, p. 28).

Em toda a narração, a retórica nacionalista da qual provavelmente se alimentou no interior da numerosa coletividade italiana da sua cidade gaúcha desaparece completamente e deixa lugar, desde o início, ao sentimento de desilusão e de arrependimento por uma escolha ingênua e precipitada. A decepção percebida ao longo da travessia em um navio sujo, pouco confortável e cheio de parasitas, se confirmou na hora da sua chegada ao porto de Gênova, onde nenhuma multidão estava esperando aqueles jovens tratados como heróis em terra brasileira. Não havia as bandeiras tricolores, as fanfarras, a comida, a fruta, os cigarros e as bebidas que as autoridades ofereciam do outro lado do oceano à véspera da partida. Pelo contrário, Olyntho percebeu um clima pesado de difidência e hostilidade, quando com um grupo de outros reservistas italo-ame-

ricanos, antes de pegar o trem para sua destinação final, Vicenza, parou para comer em um restaurante da cidade portuária. A maioria dos soldados “continuava na ilusão de que tudo ainda era pago por conta do governo”. Com pouco dinheiro no bolso, muitos deles aproveitaram a ocasião para comer em abundância, antes de descobrir que nada era de graça. Um deles, que “denotava desleixo, pobreza, desânimo” na hora de acertar a conta, desapareceu, fugindo sem pagar. Olyntho, que por acaso tinha-se sentado ao seu lado, apesar de nem conhecer o camarada, teve que quitar a dívida, obrigado pelo proprietário violento do local e por um policial sem piedade. Esforçou-se em reivindicar as suas razões, articulando com dificuldade um discurso em italiano, a sua segunda língua, aprendida em casa e provavelmente ainda viciada pela influência do dialeto vêneto, mas não encontrou a compreensão dos concidadãos que ele defenderia no conflito. Sentiu-se profundamente humilhado, não pela materialidade das três liras que teve que pagar, mas pelo processo como foi obrigado a fazê-lo, e pela imagem moral da violência sofrida. Este foi só o primeiro episódio entre outros em que o autor expressa o seu estranhamento em uma pátria, a ancestral, que com sua grande decepção se manifestava ingrata, “pouco receptiva” e quase hostil:

As minhas ilusões capitulavam de momento a momento e o que se operava no meu cérebro era uma legítima tormenta. Mais uma vez sonhei em regressar, fugir dessa terra mal-agradecida, ingrata, sem consciência e sem honestidade internacional. E carreguei comigo, daquela hora em diante o peso dessa repulsa (Sanmartin, 1957, p. 44).

Na verdade, antes de alcançar o seu campo de treinamento em Vicenza, vivenciou ainda alguns momentos de esperança e serenidade, nas cinco horas de visita da cidade intermediária de Milão. Enquanto esperava o trem que o conduziria para sua meta preestabelecida, embora se sentisse de qualquer forma um turista, experimentou de novo um certo orgulho em fazer parte de uma grande civilização, que se refletia nas construções de palácios e catedrais suntuosas, as mesmas que ele tinha imaginado quando seu pai lhe falava das maravilhas artísticas do país de origem. O seu pensamento se voltava, então, aos amigos que permaneceram no interior do Rio Grande do Sul e que nunca tiveram a sorte de estar numa cidade “gloriosa” como aquela, e imaginava a inveja que iria suscitar neles, quando voltasse e contasse a sua aventura. A ideia da morte, apesar do difícil contexto da guerra, ainda não tinha penetrado nos seus pensamentos, mas uma conversa com um soldado que estava de sentinela na estação ferroviária de trânsito de Brescia foi suficiente para alimentar

novas preocupações e desilusões. Tratava-se de um ítalo-argentino, chegado de Buenos Aires entre os primeiros reservistas. Como Olyntho, era um sul-americano que foi “arrastado pelo entusiasmo da guerra, consubstanciado por essa animosidade e curiosidade de conhecer a terra dos seus pais” (Sanmartin, 1957, p. 50). Agora, arrependido, lamentava que, quando desembarcou no seu destino, foi logo incorporado ao exército, sem ter a possibilidade tanto desejada de visitar os parentes. Sugeria, portanto, que o gaúcho desorientado e com vontade de conhecer os tios de Vicenza não se apresentasse imediatamente ao quartel militar chegando à cidade.

A “escola da morte”

Quando desceu do comboio na sua destinação, porém, em “plena zona de guerra, como era denominada certa área próxima à fronteira”, Olyntho tomou consciência da sua dramática missão:

Todo o edifício estava sob o controle militar, com enfermarias e ambulatórios, movimentos de trens militares, exibição de salvo-condutos, ordens, aprestos, chegadas e partidas de regimentos, uma perturbação de atividades coloria aquele ritmo estranho (Sanmartin, 1957, p. 50).

Foi o primeiro momento de grande temor, quando percebeu que agora não se tratava mais de uma viagem de aventura. Pensou na fuga, mas, olhando ao seu redor, se deu conta de que seria bastante arriscado. Não tinha mais escolha. Assim, sem mais resistências, apresentou os documentos e se incorporou ao grupo. Começava o seu treinamento oficial no curso preparatório à guerra:

Ao vestir a farda pela primeira vez, senti-me diferente, mudado. Parecia-me que minha individualidade fora despedida em troca de uma outra completamente estranha, e até, constrangedora. Senti-me mal nos primeiros dias, prisioneiro de mim mesmo, nostálgico, bisonho e terrivelmente angustiado. [...] O sofrimento começava a desalentar-me e o arrependimento nunca me abandonara. Compreendia a loucura cometida. Por que não ouvira eu aquele bom homem que tanto me aconselhara? [...] Estaria contente aceitando aquela brutalidade com suprema resignação? Duvidava dessa suposição. Aqueles exercícios tenazes e diários esgotavam-me. E foram aumentando e, com eles, a minha aversão a tudo que fosse obediência cega, obrigatória. Semanalmente marchas de 20 a 30 km. Nem a alimentação alegrava o rigor dessa escola da morte (Sanmartin, 1957, p. 54-56).

Depois de três meses de preparação começou a verdadeira guerra de trincheiras que Olyntho relata com detalhes crus, que bem descrevem o quadro trágico e cruento vivenciado entre soldados mortos, as mutilações, as condições desumanas e os rigores do inverno que se apresentava na linha do *front* ítalo-austriaco. Definitivamente, tornou-se consciente da “loucura cometida”, e os sentimentos expressados repetidamente são de angústia desesperada e de arrependimento profundo:

[...] *um homem que voluntariamente se entregara a uma missão da qual não podia retroceder. Todos os sofrimentos eram consequência lógica da minha insensatez. [...] Quisesse ou não quisesse, minha sorte era esta: sofrer e expor a vida por uma pátria estranha* (Sanmartin, 1957, p. 62).

Em todas as lembranças dessa traumática experiência e na descrição dos horríveis acontecimentos não transparece nunca alguma forma de heroísmo ou de exaltação da coragem. Olyntho se autorrepresenta como um anti-herói que, no sofrimento espiritual e no medo da morte, se desespera e se deprime, até o ponto de ir contra a sua própria natureza de homem amante da vida e das coisas materiais, entregando-se e tornando-se submisso, quase escravo de todas as crenças místicas que aprendera na infância. Seus pais eram de religião metodista e, embora ele acreditasse em Deus e seus sentimentos fossem essencialmente cristãos e “tementes às cousas divinas”, antes da experiência bélica não costumava pensar em tais situações espirituais com grande fervor (Sanmartin, 1957, p. 124).

Os horrores da guerra propiciavam frequentemente meditações profundas, mas ao mesmo tempo permitiam que, nos poucos e rápidos momentos de trégua passados confraternizando com os mais fiéis companheiros, se revalorizassem as coisas mais simples e as relações afetivas deixadas na terra natal. Um amor iniciado em Santa Maria se tornava assim “uma tormentosa paixão”, e a sua terra natal, isolada e distante de tudo, era lembrada como o centro da verdadeira felicidade (Sanmartin, 1957, p. 132).

Quando durante uma breve licença de 15 dias passados com o tio em Vicenza encontrou em uma praça pública um dos seus caros amigos de Santa Maria, Arnaldo, soldado incorporado ao Terceiro Regimento de Alpinos, a surpresa e a emoção foram enormes. Quase sentiu vergonha daquele “sentimentalismo de criança” que levou os dois rapazes a chorar e se abraçar pela alegria de terem se encontrado, apesar de ser naquela triste circunstância. Ele o reveria somente dois meses mais tarde no hospital militar de Vicenza, onde estava internado pálido e agonizante. Arnaldo não resistiu aos ferimentos. As palavras de Olyntho, que estava ao seu lado nas últimas

horas, expressavam toda a raiva e a dor profunda pela perda de um coetâneo que morria como um “cão”. Não há heroísmo e glória no quadro representado pelo autor; só aparecem o horror e a aflição por uma jovem vida que se perdia (Sanmartin, 1957, p. 72-74).

Em 1925, o Almanaque do Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, uma das fontes mais utilizadas – às vezes abusada – em muitas reconstruções históricas da imigração italiana no estado, trazia uma declaração de próprio punho do *duce* italiano Benito Mussolini, que cumprimentava os filhos distantes da “pátria renovada pela vitória” e reproduzia, com orgulho e exaltação nacionalista, os resultados do grande esforço dos *datori di sangue*, que, alistando-se no exército italiano, tinham contribuído para a vitória da pátria longínqua sete anos antes. Elencavam-se os nomes de 392 reservistas ítalo-gaúchos registrados, colocando as fotos e as biografias daqueles que faleceram “no campo do dever e da honra”, “heróis imortalizados na glória da Grande Itália” e dignos expoentes desta “aristocracia do sangue” (*Cinquantenario*, 2000, p. 422-424).

Nesta lista dos 14 ítalo-gaúchos mortos – que na verdade é só parcial, conforme pesquisas sucessivas demonstraram –, não consta nenhum falecido com o nome de “Arnaldo”, mas este poderia, também, ser um nome fictício, considerando que Olyntho declarava nas primeiras páginas da sua história “que algumas das pessoas citadas neste livro figura(m) com nomes supostos, sem com isto alterar a realidade dos fatos” (Sanmartin, 1957, p. 7). Poderia tratar-se – mas pouco mudaria, em caso contrário, para os fins da nossa análise – de Luigi Luchina, um ítalo-brasileiro de Santa Maria, morto nos dias indicados por Sanmartin, em consequência da inalação de gás asfíxiante, depois de ter participado da batalha do Monte Cappuccio contra os austriacos. Quando a notícia foi revelada no jornal *Italia*, órgão oficial e financiado pelo Comitê Italiano Pró-Pátria da capital gaúcha, em um artigo um pouco escondido visto a importância da notícia, exaltavam-se os gestos heroicos desse italiano que era um dos *figli partoriti per la patria* (nascidos para servir a pátria), que tinha combatido com uma grande coragem “*per la redenzione della nostra Patria*”, encontrando assim uma morte honrosa no campo de batalha (*Italia*, 1916).

O mesmo trágico destino encontrou João Davelino, o amigo que Olyntho havia abandonado em Gênova. Após o treinamento na Sardenha, desapareceu numa batalha dos Alpes e “foi assim engrossar a aluvião desse simbólico soldado desconhecido”, pois o seu corpo nunca foi localizado. Nos últimos cartões enviados para os parentes em terra gaúcha, João manifestara toda a sua nostalgia pela cidade natal e a esperança de voltar em breve para casa, uma “saúdosa aspiração que não logrou alcançar” (Sanmartin, 1957, p. 178).

Também o nome de Davelino, cuja existência foi atestada a partir da reprodução de um cartão postal presente no livro de Sanmartin, não consta na lista “oficial” das vítimas registradas no almanaque ítalo-rio-grandense de 1925, onde as informações muitas vezes parecem parciais, aproximativas e ideológicas. Assim como não aparece, só para mencionar um outro exemplo, o nome de Domenico Sacco, um comerciante de Pelotas que morreu em 1917 com 35 anos, por feridas decorrentes da trágica batalha de Caporetto (Ministero della Guerra, 1924, p. 600). Provavelmente, ele também foi influenciado pela incessante propaganda belicista e patriótica, capaz até de mexer com as suas convicções anarquistas (Sacco, 2015).

Olyntho teve um destino diferente graças a um ataque de profunda anemia e escorbuto que, depois de uma dolorida convalescência, permitiu que fosse reformado por incapacidade física no dia 29 de julho de 1916. Quando a decisão lhe foi comunicada, nem podia acreditar que o martírio da guerra estivesse concluído:

Ao cientificar-me de que seria desligado do exército compulsoriamente, confesso que senti uma alegria violenta, quase selvagem. O primeiro pensamento que me ocorreu foi o da felicidade. [...] Nunca senti tão profundamente essa onda de libertação. Era um homem livre, meu dever estava cumprido e com isso me sentia orgulhoso, com a grande sabedoria que me dera a escola das trincheiras (Sanmartin, 1957, p. 118-119).

Olyntho, na verdade, pensou mais vezes no seu regresso triunfal a Santa Maria, depois da vitória final, “entre clamores de fanfarras marciais e aplausos das multidões”, mas, agora, a felicidade e a satisfação eram seguramente maiores do caráter “humilhante” daquele retorno.

A representação autobiográfica de Olyntho Sanmartin, em síntese, pode ser considerada uma fonte rara e atípica que revela a existência de uma literatura possível concernente a casos individuais de “anti-heróis” e de “arrepentidos”, que não deviam ser tão poucos, entre aqueles que voluntariamente se alistaram na defesa de uma pátria que, depois, não reconheciam mais como sua. Contudo, mesmo uma rápida verificação é suficiente para perceber como as numerosas cartas dos soldados ítalo-descendentes publicadas nos jornais dos países americanos, tanto naqueles étnicos como nos locais, eram carregadas de lugares comuns da retórica bélica nacionalista italiana, com a exaltação dos gestos heroicos em batalha, a demonização do inimigo e a exortação contínua à luta e ao sacrifício. A rígida censura de governo, implacável em tempos de guerra, e ainda mais as formas de autocensura defensiva por parte dos

remetentes podem ser consideradas as causas principais desta produção documentária frequentemente viciada pela ideologia.

Portanto, poucas fontes disponíveis fogem dessa lógica perversa. O grande peso que a censura teve explica melhor por que, nos jornais locais rio-grandenses, que dedicavam amplo espaço aos reflexos do conflito nas demais coletividades étnicas europeias, é muito mais fácil encontrar depoimentos recebidos diretamente do *front*, exaltando o heroísmo, a coragem, o entusiasmo e o orgulho dos combatentes.

O jornal *O Dever* de Bagé, por exemplo, em outubro de 1915 reproduzia a carta de Henrique Bay Macario, ítalo-gaúcho que, incorporado ao 167º batalhão de artilharia da zona de guerra, enviava saudações aos membros de toda a colônia italiana:

O contínuo rimbombo do canhão é um divertimento para nós... e estou certo e convencido que a vitória será nossa. Depois da vitória final, que não pode estar muito longe, eu voltarei para o Brasil e juntar-me-ei a minha família, para não deixá-la nunca mais (Giorgis, 2014, p. 104).

O mesmo tom era utilizado pelo seu colega João Dacorso, que descrevia as etapas do curso preparatório: “partiremos daqui dentro de 50 ou 60 dias para a fronteira. Estamos todos contentes e alegres, cada vez mais entusiasmados” (Giorgis, 2014, p. 104). E esses representam só dois exemplos de uma literatura muito mais ampla e difundida em todas as localidades brasileiras.

Apenas uma pesquisa mais profunda sobre os jornais brasileiros – que, ao menos até o ingresso na guerra do Brasil em 1917, mantiveram uma relativa neutralidade – nos permite identificar a existência de esporádicas considerações com tons totalmente diferentes sobre o conflito, expressadas diretamente pelos ítalo-brasileiros que, como Olyntho Sanmartin, se alistaram no Exército Real e se arrependeram logo depois da escolha. Estas declarações extremamente raras eram publicadas somente após a volta ao Brasil destes jovens soldados, fortalecendo ainda mais a ideia de que a censura tivesse um papel determinante na atenta seleção das cartas que podiam ou não ser enviadas aos parentes longínquos.

Em novembro de 1915, por exemplo, *A Federação* descrevia as “terríveis” impressões vivenciadas e relatadas pelo ítalo-carioca Pedro Paulo Demarco, durante os dois meses preparatórios no campo de instrução dos reservistas e no primeiro dia de batalha no Monte San Michele, onde se feriu gravemente durante um assalto, ferimento que permitiu a tão desejada licença para voltar ao Rio (*A Federação*, 1915c).

A mesma coisa aconteceu com um gaúcho neto de italianos, Bernardino Ribeiro Dedeco, que chegou até a desertar do exército brasileiro para se alistar no italiano. Não podendo apresentar-se ao Consulado italiano de Porto Alegre, pois era procurado como desertor, partiu para Buenos Aires, onde, com passaporte fornecido pelo consulado italiano de lá, embarcou no mesmo vapor de Olyntho Sanmartin, o “Cavour”, com destino à Itália em julho de 2015. Ferido em batalha em maio de 1916, referiu após o seu regresso, nas páginas do jornal *Correio do Povo*, toda a sua grande satisfação de ter voltado para o Rio Grande do Sul, apesar de saber que deveria responder a um conselho de guerra brasileiro por crime de deserção (*Correio do Povo*, 1917).

Nesse sentido, revelou-se excepcional, no seu gênero, um epistolário recentemente analisado por Emilio Franzina (2015b, p. 63-78) referente à experiência de guerra de um voluntário ítalo-paulista, Américo Orlando, de origem humilde e um ano mais velho que Olyntho, o qual, como o ítalo-gaúcho, decidiu embarcar para defender a Itália. Obcecado pela vontade de visitar o país natal dos pais, sobre o qual sempre se manteve informado, aprendeu até a escrever em um italiano correto. Trata-se do único epistolário de guerra ítalo-brasileiro conhecido até hoje, composto por umas 80 cartas e postais, expedidos do *front* italiano pelo voluntário. Apesar do temor da censura, o conjunto destes documentos evidencia o enfraquecimento gradual do patriotismo ostentado nas primeiras correspondências e a perda de algumas convicções de caráter belicista, até o arrependimento amargo pelo próprio gesto que o distanciou dos entes amados e que o conduziu à morte em 1917.

Conclusão

À guisa de conclusão, o tema vinculado ao regresso de soldados ítalo-brasileiros na Primeira Guerra é um aspecto difícil de tratar, não somente porque, como se observou, as fontes à disposição são fragmentadas, confusas e às vezes pouco confiáveis, mas, sobretudo, porque sobre os combatentes no período posterior foi construída toda uma retórica nacionalista que não é balanceada por uma contraofensiva interpretativa de traço oposto. A experiência da guerra influenciou a representação simbólica e o sentimento patriótico nas diversas comunidades italianas presentes no exterior. Jornais étnicos e almanaques, tanto durante como nos anos imediatamente sucessivos ao conflito, se tornaram a fortaleza de uma “italianidade” estereotipada e bem definida, que precisava ser defendida como pretexto para construir um discurso fortemente nacionalista.

A exaltação heroica e a proeza dos soldados ítalo-brasileiros ganharam inevitavelmente um amplo espaço,

assim como foram celebradas as novas associações dos ex-combatentes, os “*Reduci di guerra*”, nascidas no exterior, das quais derivaram em seguida as primeiras agregações fascistas (Trento, 2003). A tendência é aquela de criar uma imagem coletiva homogênea e compactada e um conjunto de valores compartilhados entre todos os expoentes da comunidade. Também nos almanaques especificamente comerciais que propagandeavam os nomes e as características das empresas mais ou menos importantes de italianos e descendentes, o fato do proprietário ter participado com honra do conflito era garantia de honestidade e valor e, portanto, de boa qualidade dos produtos vendidos (*Gli italiani nel Brasile*, 1922-1924; *Cinquant’anni di lavoro degli italiani in Brasile*, 1936-1937).

Aquilo que não se encontra com facilidade nesses documentos que podem ser definidos como “clássicos” pela ampla utilização que deles se faz nas reconstruções relativas à imigração italiana são as situações individuais daqueles que se arrependeram rapidamente da escolha realizada ou que, longe de desenvolver uma nova mística nacionalista, deixaram depoimentos de desalento e horror para um conflito que se demonstrou muito mais trágico do que eles pensavam. São realmente estas fontes, porém, que mais nos ajudam a reconstruir as dinâmicas do repatriamento, o clima vivenciado e as considerações sobre a questão da identidade de jovens que pertenciam a coletividades ainda não plenamente absorvidas nas sociedades de acolhimento.

As *Memórias* de Olyntho Sanmartin representam uma singular história de vida, uma representação em escala reduzida que revela fatores dificilmente observáveis através de outros tipos de fonte. É o exemplo de uma trajetória que, se reconstruída com pacientes verificações e, portanto, entrelaçando as informações autobiográficas com outros dados pontuais ou de contexto, pode fornecer resultados de análise importantes tanto em nível local como em nível global. Como ressalta Henrique Espada Lima (2012), percorrendo as principais etapas da afirmação metodológica da micro-história através das contribuições de seus teóricos mais ilustres – a partir de Giovanni Levi, Carlo Ginzburg e Jacques Revel –, investigações desse tipo têm o objetivo de revelar dimensões desconhecidas, analisar a realidade histórica de uma forma mais rica e complexa, encontrar novas respostas e gerar novas perguntas.

Olyntho não se insere no grande conjunto de heróis da pátria italiana. A sua experiência, assim como não se origina por uma predisposição “nacional-patriótica” – mas representa muito mais a fuga de uma condição de sofrimento existencial –, ao mesmo tempo, termina com uma afirmação bastante definitiva sobre a dimensão da sua identidade. Através de todos os acontecimentos, o

ítalo-gaúcho chega a dirimir o problema da conflitualidade interior daqueles imigrantes e descendentes prisioneiros no paradoxo de uma “dupla ausência”, isto é, de um sentimento de pertencimento entre duas pátrias. A sua *split personality* – como é definida pelo sociólogo franco-argelino Abdelmalek Sayad (2002) – se resolve com uma clara opção a favor da nacionalidade brasileira.

Após ter recebido a licença definitiva, Olyntho decidiu permanecer por mais um mês na Itália, hospedando-se com seus tios em Dueville, o vilarejo vêneto de onde provinha sua mãe. Apesar de sua aventura italiana se concluir com uma história de paixão sincera por Agnese, uma jovem amiga das primas, não teve nenhuma hesitação, nem foi tentado a permanecer no bucólico lugar de que tanto gostou. Em outubro de 1916, desembarcava finalmente com grande alegria em terra brasileira e podia assim afirmar com convicções que aquela era, sim, a sua verdadeira pátria.

Referências

- A FEDERAÇÃO. 1915a. A conflagração europeia. Porto Alegre, 13 de junho.
- A FEDERAÇÃO. 1915b. Porto Alegre, 21 de junho.
- A FEDERAÇÃO. 1915c. Para impressionar o indígena. Porto Alegre, 30 de novembro.
- CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud (1875-1925). 2000. 2ª ed., Porto Alegre, Posenato Arte& Cultura, vol. 1, 498 p.
- CINQUANT'ANNI di lavoro degli italiani in Brasile. 1936-1937. São Paulo, Società Editrice Italiana, 2 vol.
- COMMISSARIATO GENERALE dell'EMIGRAZIONE. 1926. *Annuario statistico dell'emigrazione italiana dal 1876 al 1925*. Roma, CGE, 1.740 p.
- COMPAGNON, O. 2014. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro, Rocco, 399 p.
- CORREIO DO POVO. 1915a. No consulado italiano. Porto Alegre, 27 de maio.
- CORREIO DO POVO. 1915b. No consulado italiano. Porto Alegre, 28 de maio.
- CORREIO DO POVO. 1915c. No consulado italiano. Porto Alegre, 3 de junho.
- CORREIO DO POVO. 1915d. Porto Alegre, 13 de junho.
- CORREIO DO POVO. 1917. Porto Alegre, 18 de fevereiro.
- CUSANO, A. 1921. *Il Brasile, gli italiani e la guerra*. Roma/São Paulo/Buenos Aires, L'Italo-Sudamericana, 328 p.
- DE RUGGIERO, A. (org.). 2015a. Dossiê A Primeira Guerra Mundial e suas repercussões no Brasil. *Oficina do Historiador*, 8(1):1-99. <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2015.1.21238>
- DE RUGGIERO, A. 2015b. “Ouro e sangue pela Pátria”: a contribuição dos ítalo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial. In: A. DE RUGGIERO; C. FAY; R.E. GERTZ (org.), *Vivências da Primeira Guerra Mundial: entre a Europa e o Brasil*. São Leopoldo, Oikos/Editora Unisinos, p. 79-102.
- DE RUGGIERO, A.; FAY, C.; GERTZ, R.E. (org.). 2015. *Vivências da Primeira Guerra Mundial: entre a Europa e o Brasil*. São Leopoldo, Oikos/Editora Unisinos, 232 p.
- FLORES, M. 1975. *Olyntho Sanmartin: biografia e antologia*. Porto Alegre, EMMA, 104 p.
- FLORES, M. 2014. Olyntho Sanmartin – Escola da morte. In: H.A. FLORES; L. NEUBERGER (org.), *I Guerra Mundial: reflexos no Brasil*. Porto Alegre, Ediplat, p. 187-194.
- FLORES, H.A.; NEUBERGER, L. (org.). 2014. *I Guerra Mundial: reflexos no Brasil*. Porto Alegre, Ediplat, 264 p.
- FRANZINA, E. 2000. La guerra lontana: Il primo conflitto mondiale e gli italiani d'Argentina. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 44:57-84.
- FRANZINA, E. 2004. Italiani del Brasile ed italo-brasileiros durante il Primo Conflitto Mondiale (1914-1918). *História: Debates e Tendências*, 5(1):225-267.
- FRANZINA, E. 2008. Volontari dell'altra sponda: Emigranti ed emigrati in America alla guerra (1914-1918). In: F. RASERA; C. ZADRA (org.), *Volontari italiani nella Grande Guerra*. Rovereto, Museo Storico della guerra, p. 215-237.
- FRANZINA, E. 2015a. Militari italiani e Grande Guerra. *Zibaldone: Estudios Italianos*, 3(1):78-103.
- FRANZINA, E. 2015b. Correspondências de soldados ítalo-brasileiros sobre a Grande Guerra. In: A. DE RUGGIERO; C. FAY; R.E. GERTZ (org.), *Vivências da Primeira Guerra Mundial: entre a Europa e o Brasil*. São Leopoldo, Oikos/Editora Unisinos, p. 46-78.
- FRANZINA, E. 2016. *A história (quase verdadeira) do soldado desconhecido: contada como uma autobiografia*. São Paulo, Martins Fontes, 386 p.
- GIORGIS, J.C. 2014. A Grande Guerra na imprensa de Bagé. In: H.A. FLORES; L. NEUBERGER (org.), *I Guerra Mundial: reflexos no Brasil*. Porto Alegre, Ediplat, p. 95-132.
- GOMES, A. (org.). 2004. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro, FGV, 380 p.
- GLI ITALIANI NEL BRASILE. 1922-1924. São Paulo, Pasquino Coloniale, 2 vol.
- HEINSFELD, A.; MAZUREK, J. (org.). 2014. Dossiê Primeira Guerra Mundial. *História: Debates e Tendências*, 14(2):256-409.
- ITALIA. 1916. *Da S. Maria per la più grande Italia*. Porto Alegre, 25 de novembro.
- LIMA, H. 2012. Micro-história. In: C. CARDOSO; R. VAINFAS (org.), *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro, Elsevier, p. 207-223.
- MINISTERO DELLA GUERRA. 1924. *Albo d'oro dei militari caduti nella guerra nazionale 1915-1918*. Campania. Roma, Ministero della Guerra, vol. V.
- SACCO, F. 2015. Domenico Sacco, anarquista e herói de guerra. Disponível em: <http://saccopelotas.blogspot.com.br/search?updated=-min2015=01-01-00T00:00:08-00:&updated-max=2016-01-01T00:00:00-08:00&max-results=19>. Acesso em: 29/07/2016.
- SANMARTIN, O. 1957. *Escola da morte: Memórias*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 178 p.
- SAYAD, A. 2002. *La doppia assenza: dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*. Milano, Raffaele Cortina, 402 p.
- TRENTO, A. 2003. I Fasci in Brasile. In: E. FRANZINA; M. SANFILIPPO (org.), *Il fascismo e gli emigrati*. Roma-Bari, Laterza, p. 152-166.

TRENTO, A. 2009. Il “Fanfulla” di São Paulo e la stampa italiana in Brasile dal nazionalismo al fascismo. Disponível em: http://www.ponteentreculturas.com.br/media/textos_palestras/O_Fanfulla_de_Sao_Paolo_e_a_imprensa_italiana_no_Brasil.pdf. Acesso em: 29/07/2016.

TRENTO, A. 2011. *La costruzione di un identità collettiva: storia del giornalismo in lingua italiana in Brasile*. Viterbo, Sette Città, 185 p.

VENDRAME, M. 2015. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imigração italiana e as manifestações de italianidade nas memórias

de Andrea Pozzobon (1885-1915). In: A. DE RUGGIERO (org.), Dossiê A Primeira Guerra Mundial e suas repercussões no Brasil. *Oficina do Historiador*, 8(1):22-42.

<https://doi.org/10.15448/2178-3748.2015.1.19877>

Submetido: 01/08/2016

Aceito: 14/09/2016